

A Teia da Vivência da Sabedoria do Terrível

VIJÑĀNABHAIRAVA TANTRA

A magnífica Deusa [ŚRĪ-DEVĪ] disse:

1. Ó Deus [DEVA], tudo aquilo que se origina do RUDRAYĀMALA me foi revelado. É a diferenciação tríplice [TRIKABHEDA], obtida extraindo a quintessência da quintessência.

2. No entanto, ó Senhor supremo [PARAMEŚVARA], minha dúvida ainda não foi dissipada. Ó Deus, qual é a essência da realidade que consiste no poder [ŚAKTI] fragmentário do conjunto de sons?

3. Ou ainda, como ele [o poder] pode residir no aspecto diferenciado de uma nûnupla, na forma de BHAIRAVA que se encontra em BHAIRAVA? Ou ainda, como ele se diferencia em três cabeças? Ou como pode consistir em uma energia [ŚAKTI] tríplice?

4. Como ele é feito de NĀDA-BINDU? O que são a meia-lua e aquela que obstrui? Como ele é aquela consonante sem vogal que reside na roda [CAKRA]? Como ela pode ter a essência do próprio poder [ŚAKTISVARŪPA]?

5. Ou ainda tudo aquilo que é composto se reduz ao transcendente e imanente [PARA-APARA], ou ao imanente. Com o transcendente seria incompatível com a sua transcendência.

6. Realmente, a transcendência não poderia se diferenciar em fonemas [VARNA] e em corpo [DEHA], pois sua natureza indivisa [NISKALA] não pode se encontrar naquilo que é composto.

7. Ó Senhor, conceda-me a graça e dissipe completamente minha dúvida.

BHAIRAVA respondeu:

Muito bem! Muito bem! Ó amada! Sua pergunta forma a quintessência dos Tantra.

8. Esse assunto é extremamente secreto [GŪHA], ó Feliz [BHADRA]. No entanto, eu o explicarei a você. Tudo o que se diz ter uma forma composta [SĀKALA-RŪPA] de BHAIRAVA ...

9. ... ó DEVĪ, deve ser considerado como um fantasma, uma mágica [MĀYĀ], um sonho [SVAPNA], a miragem de uma cidade de GANDHARVA, pois não possui substância.

10. Sua descrição tem apenas a finalidade de estimular a meditação nos homens cujo intelecto se deixa dominar e que, presos ao tilintar das atividades, são presos pelo pensamento dualista.

11. Do ponto de vista da realidade [TATTVATO], esse BHAIRAVA não é nem o nûnuplo, nem o conjunto dos sons. Ele não é também o DEVA de três cabeças. O poder triplo [ŚAKTITRAYA] não constitui sua essência [ĀTMĀ].

12. Ele não consiste em NĀDABINDU, nem em CANDRĀRDHA, nem em NIRODHIKĀ e não se associa ao movimento da roda cósmica [CAKRAKRAMA]. O poder [ŚAKTI] não é sua essência.

13. Essas concepções não passam de enganos que atraem as crianças e os homens cujo pensamento não despertou [APRABUDDHAMATĪNĀ]. Eles são como doces de uma mãe [MĀTR]. Sua descrição serve apenas para fazê-los progredir.

14. A felicidade mais profunda que é sentida está livre do pensamento dualizante. Ela escapa dos conceitos de tempo, de lugar, de espaço.

15. Sua realidade não pode ser sugerida e só pode ser atingida pela experiência. Essa é a expressão da plenitude, a BHAIRAVĪ da consciência do Eu [BHAIRAVĀTMAN].

16. Na verdade deve-se perceber essa maravilha sem manchas que preenche o universo. Estando além de tudo, quem deve ser adorado e quem se alegra?

17. Essa condição da consciência suprema [BHAIRAVASYA] é certamente a suprema. É ela que, sob sua forma mais longínqua [PARĀ-PARARŪPEṆA], é declarada como a Deusa suprema [PARĀ-DEVĪ].

18. Não pode haver nenhuma distinção entre o poder [ŚAKTI] e aquele que possui o poder [ŚAKTIMAT], nem entre substância e atributo, assim o poder supremo [PARĀŚAKTI] é o Eu supremo [PARĀTMAN].

19. Não se concebe o poder de queimar separado do fogo. Toda distinção é apenas um começo para o caminho do verdadeiro conhecimento.

20. Se aquele que atinge a ŚAKTI percebe que ele e ela não são distintos, seu poder divinizado [ŚAIVĪ] assume a forma de ŚIVA e ela é então chamada de abertura.

21. Assim como os vários lugares podem ser conhecidos graças à luz de uma lamparina ou aos raios do Sol, da mesma forma, ó Amada, é graças à ŚAKTI que se pode conhecer ŚIVA.

A Deusa disse:

22. Ó Deus dos Deuses, você que tem o tridente e que é enfeitado com uma guirlanda de crânios, ...

23. ... por que meios podemos perceber o estado que tem a forma de plenitude própria de BHAIRAVA, que escapa ao tempo e ao espaço e que escapa a toda descrição? Em que sentido se diz que a suprema Deusa é a abertura para ele? Instrua-me, ó BHAIRAVA, para que meu conhecimento se torne perfeito.

BHAIRAVA disse:

24. A suprema ŚAKTI se manifesta quando o PRĀṆA enviado para cima e o enviado para baixo nascem e se apagam nos dois pontos [VISARGA]. Atinge-se a plenitude retornando à origem.

25. Pelo movimento e suspensão da respiração, exercitando-se sobre os dois espaços vazios interno e externo, a forma maravilhosa de BHAIRAVĪ e de BHAIRAVA será revelada.

26. A ŚAKTI sob forma de respiração não pode nem entrar nem sair quando ela se espalha no centro e se dissolve o pensamento da dualidade [VIKALPA]. Assim se atinge a essência da consciência absoluta [BHAIRAVA-RŪPATĀ].

27. Na retenção que ocorre após a inspiração ou expiração completas, nessa pausa que traz a paz, a ŚAKTI se revela apaziguada.

28. Concentre-se sobre ela, brilhante com seus raios de luz, cuja essência é a mais sutil entre os sutis, subindo da base até o centro superior, despertando BHAIRAVA.

29. De centro [CAKRA] em centro, progressivamente, ela sobe até o topo pelo nó triplo, até que por fim há o grande despertar.

30. Os doze sucessivos correspondem aos doze fonemas. Libertando-se gradualmente das condições materiais, atinge-se o sutil e supremo e a identificação final com ŚIVA.

31. Preenchendo o topo do crânio e projetando-o rapidamente com uma contração das sobrancelhas, libertando-se do pensamento dualista, será possível penetrar naquilo que está além de todas as coisas.

32. Medite sobre os cinco vazios como os círculos [MAṆḌALA] das penas do pavão, e atinja o espaço ilimitado dentro do coração.

33. Vazio, parede, receptáculo supremo, qualquer que seja o objeto sobre o qual você se concentre, a Benfeitora excelente se esvaziará nela própria.

34. Feche os olhos, veja o espaço inteiro como se estivesse dentro do seu crânio, e graças à estabilidade do pensamento atingirá o vazio.

35. Medite sobre a deusa no centro do canal central, semelhante a um fio de lótus; percebendo que ela é idêntica ao céu, dentro, obtém-se a revelação divina.

36. Fechando-se as aberturas com a arma das mãos, mergulhe no BINDU entre as sobrancelhas e atinja o espaço infinito.

37. Meditando no coração, no topo da cabeça ou entre as sobrancelhas, produzir-se-á uma marca vermelha que produz uma efervescência; quando ela desaparecer, você atingirá a dissolução.

38. Atinge-se o BRAHMAN supremo mergulhando no som de BRAHMAN [ŚABDA-BRAHMAN], o ANĀHATA, um som contínuo como uma cachoeira, que se ouve tampando-se os ouvidos.

39. Ó BHAIṚAVĪ, recitando-se a sílaba OM [PRAṆAVA] ou qualquer outra, de forma alongada, concentrando-se no vazio [ŚŪNYA] final, atinge-se o vazio supremo através do poder desse vazio.

40. Concentre-se sobre o início ou sobre o fim de qualquer fonema [VARṆA]. Pelo vazio ele se tornará vazio e atingirá o vazio.

41. Seguindo atentamente os sons [ŚABDA] prolongados dos instrumentos musicais, sem se interessar por mais nada, quando eles terminam, você atingirá o céu supremo.

42. Com a ajuda da sucessão dos fonemas de um mantra qualquer, progredindo em direção ao que é mais sutil, quando isso se dissolve no vazio, você se tornará ŚIVA.

43. Perceba o vazio que brota de seu corpo em todas as direções. Libertando-se da dualidade, você se tornará a totalidade.

44. Deve-se evocar ao mesmo tempo o vazio no topo e o vazio na base. Como o poder é independente do corpo, o pensamento se tornará vazio.

45. Evoque com firmeza e de modo simultâneo o vazio do topo, o vazio da base e o vazio do coração. Graças à ausência de todo pensamento dualista, ergue-se então a consciência sem dualidades.

46. Evocando-se, mesmo se for apenas por um instante, a ausência de dualidade em um ponto qualquer do corpo, surge o próprio vazio. Liberto de todo pensamento dualista, atinge-se a essência sem dualidades.

47. Ó mulher com olhos de gazela, evocando-se intensamente todo o corpo como penetrado pelo éter, você obterá uma concepção permanente.

48. Considere a pele como um muro que separa o espaço interno vazio e você atingirá aquilo que não pode ser pensado.

49. Ó Felizarda! Com o sentidos aniquilados no espaço do coração, o espírito indiferente a tudo, aquele que atinge o meio da taça bem perto do lótus atingirá a graça suprema.

50. Pelo fato de que o pensamento é absorvido em DVĀDAŚĀNTA, naquele cujo intelecto é firme e cujo corpo está penetrado por todas as partes, apresenta-se então a característica bem firme da realidade.

51. Que se fixe o pensamento no centro superior, DVĀDAŚĀNTA, de todos os modos, e onde quer que se esteja. Sendo a agitação abolida pouco a pouco, em poucos dias se produzirá o indescritível.

52. Deve-se concentrar intensamente sobre sua própria fortaleza como se ela fosse consumida pelo fogo do tempo, que surge do pé do tempo. Então, por fim, se manifesta a quietude.

53. Da mesma forma, depois de haver meditado imaginando o mundo todo como sendo consumido [pelo fogo], aquele cujo espírito é indiferente a tudo atingirá a mais alta condição humana.

54. Meditando-se sobre as categorias sutis assim como sobre as categorias muito sutis em seu próprio corpo, ou sobre as do universo como se elas retornassem umas para as outras, a Suprema acabará por se revelar.

55. Meditando-se sobre o poder [do alento] grosseiro e muito fraco no domínio do DVĀDAŚĀNTA penetra-se no próprio coração; meditando assim se obterá o domínio dos sonhos.

56. Deve-se concentrar gradualmente sobre o universo sob a forma do mundo e pelos outros caminhos, considerando-o em suas modalidades grosseira, sutil e suprema, até chegar finalmente à absorção do pensamento.

57. Depois de haver meditado sobre a realidade ŚAIVA de acordo com o método dos [seis] caminhos, de modo exaustivo, incluindo o universo inteiro, produz-se o grande despertar.

58. Ó Deusa poderosa! Deve-se concentrar intensamente sobre todo esse universo como se ele fosse vazio, e aí mesmo o pensamento se reabsorve. Então a pessoa se torna o recipiente da absorção disso.

59. Olhe para um recipiente ou um vaso sem ver suas paredes. Dissolvendo-se nesse vazio, você se identificará a ele.

60. Fixe o olhar em uma região sem árvores, montanhas, muros ou outros objetos. Quando a mente se dissolve nesse vazio, ocorre a eliminação dos pensamentos.

61. Percebendo duas coisas, tome consciência do espaço entre elas e se instale aí firmemente. Eliminando ao mesmo tempo as duas, atingirá o brilho da realidade.

62. Quando está deixando um objeto e sente o impulso de ir para outro, interrompa. Então, graças àquilo que está no meio, a realização se espalhará com intensidade.

63. Perceba ao mesmo tempo o universo e o corpo como feitos de consciência. Então, sem o pensamento de dualidade, atingirá o despertar supremo.

64. Praticando a fricção dos dois PRĀÑAs, no exterior e no interior, o YOGI se tornará por fim o vaso, de onde surge o conhecimento supremo da igualdade.

65. Que ele considere o universo todo ou seu próprio corpo, simultaneamente, na sua totalidade, como preenchido pela sua própria felicidade. Graças à sua imortalidade íntima, ele se identificará à felicidade suprema.

66. Por um processo de magia, ó Bela com olhos de gazela, a grande felicidade se ergue subitamente. Graças a ela, a realidade se manifesta.

67. Quando se interrompe todo o fluxo por meio do poder do alento ascendente, pouco a pouco, no momento em que se sente um formigamento, a felicidade suprema se propaga.

68. Fixando-se no estado mental do prazer [SUKHAMAYA] entre o fogo e o veneno, ele se isola, se enche de vento e se integra à felicidade suprema [ĀNANDA].

69. Desfruta-se do prazer da realidade de BRAHMAN [SUKHAM BRAHMA-TATTVASYA] pelo poder do fogo do poder que se desprende na união com a ŚAKTI, no prazer mais interno.

70. Ó Deusa, essa felicidade [ĀNANDA] é produzida mesmo sem a presença da ŚAKTI, pela lembrança intensa do prazer que foi produzido.

71. Ou então ao encontrar uma pessoa amada que não vê há muito tempo, medite sobre essa felicidade que surge, e deixe-se dissolver nela.

72. Pela euforia e felicidade causadas por alimentos e bebidas agradáveis, identifique-se a esse prazer e, através dele, una-se à grande felicidade [MAHA-ĀNANDA].

73. Fundindo-se à felicidade incomparável dos cânticos e outros prazeres dos sentidos, o YOGI se torna apenas essa felicidade e atinge o divino.

74. Lá onde você encontra a satisfação, é nesse mesmo lugar que você deve deter sua mente em concentração, e então sua essência será a da felicidade suprema [PARA-ĀNANDA-SVĀRŪPA].

75. Quando o sono ainda não se instalou e quando o estado desperto desapareceu, captando esse instante exato, a Deusa suprema [PARĀ-DEVĪ] se revela.

76. Com o olhar fixo em um lugar do espaço que aparece com manchas brilhantes sob os raios do Sol, de uma lamparina, etc., aí mesmo resplandece a essência do seu próprio Eu.

77. A fusão suprema nele se revela no momento da percepção intuitiva devida ao repouso da morte, o furor, a fixação do olhar, a sucção sem interrupção, e o movimento no espaço.

78. Assentado confortavelmente com os pés e mão pendendo sem apoio, atinja o espaço da plenitude.

79. Assentado confortavelmente sobre um assento, com os braços cruzados, tendo fixado o pensamento no oco das axilas, graças a essa absorção se obterá a quietude.

80. Fixando o olhar sem piscar sobre um objeto com forma grosseira, e tirando-se todo o suporte do pensamento, atingir-se-á ŚIVA sem demora.

81. Com a boca ligeiramente aberta, a língua no centro, quando se fixa o pensamento sobre o centro, emitindo mentalmente HA, ele mergulhará no abismo da paz.

82. Mantendo-se assentado ou deitado, deve evocar intensamente seu próprio corpo como desprovido de sustentação; no pensamento que se desfaz, nesse mesmo instante, os seus resíduos do passado se desfazem.

83. Movendo seu corpo muito lentamente, ou balançando em um veículo, com a mente em um estado de paz, ó Deusa, ele atingirá o fluxo divino.

84. Olhando para um céu completamente limpo, fixando aí o olhar sem piscar, quando se atinge a imobilidade e a tensão desaparece, atinge-se a estabilidade maravilhosa de BHAIKAVA.

85. Evoque todo o espaço vazio sob a forma da essência de BHAIKAVA como dissolvido em sua própria cabeça. Então tudo se absorverá na realidade do raio, que é a própria expressão de BHAIKAVA.

86. Quando se conhece plenamente a forma de BHAIKAVA no estado desperto e nos outros, com o conhecimento limitado produtor da dualidade, a visão projetada para o exterior e também as trevas, então se atinge a plenitude do brilho infinito da consciência.

87. Da mesma forma, durante uma noite negra, no início da quinzena escura, tendo evocado continuamente a forma tenebrosa, se atingirá a forma de BHAIKAVA.

88. Além disso, mantendo os olhos inicialmente bem fechados, aparece uma cor escura. Se eles forem abertos em seguida amplamente, evocando a forma de BHAIKAVA, ele se identificará com essa forma.

89. Quando surge um obstáculo de um órgão qualquer, ou quando ele próprio produz uma obstrução, mergulhando-se no vazio sem dualidade, ali mesmo o Eu brilhará.

90. Recitando-se o fonema A sem BINDU nem VISARGA, o Senhor supremo, essa torrente poderosa de consciência, surgirá por si mesmo, ó Deusa.

91. Fixe sua atenção no final do VISARGA de uma letra com VISARGA, e pelo pensamento liberto de todo fundamento, entrará em contato com o BRAHMAN eterno [SANĀTANA BRAHMAN].

92. Medite sobre o seu próprio Eu como o céu ilimitado em todos os sentidos. Quando a consciência é privada de todo suporte, então você contemplará a verdadeira essência da ŚAKTI.

93. Perfure uma parte de seu corpo com um objeto pontudo, e mantendo-se fixo nesse ponto atinja o domínio luminoso de BHAIKAVA.

94. É preciso se convencer de que “o órgão interno, os pensamentos etc. não existem em mim”. Graças à ausência do pensamento dualista, transcende-se os VIKALPA.

95. Considera-se que a ilusão é a perturbadora. A função do tempo [KĀLA] consiste em fragmentar. E assim para os outros. Considerando que não existem aí senão atributos de categorias, que não haja mais a separação.

96. Tendo observado um desejo que surge repentinamente, deve-se pôr-lhe um fim. Qualquer que seja a fonte de onde ele brotou, que ele se absorva lá mesmo.

97. Quando minha vontade ou meu conhecimento ainda não surgiram, o que sou eu, realmente? Essa é a natureza do Eu, na realidade. O pensamento se identifica a isso, depois se absorve nisso.

98. Mas uma vez que a vontade ou o conhecimento foram produzidos, deve-se prender o pensamento por meio da consciência do Eu. Quando o espírito se torna indiferente a todo o resto, então ocorre a intuição do sentido da realidade.

99. Todo conhecimento é sem causa, sem suporte e enganador por natureza. No domínio da realidade absoluta, ele não pertence a ninguém. Quem se convence totalmente disso, ó Bem-Amada, torna-se ŚIVA.

100. Aquele que tem a propriedade da consciência reside em todos os corpos. Não existe diferença em nenhum lugar. Tendo percebido então que tudo é feito disso, ele se torna aquele que conquistou o tempo.

101. Imobilizando-se a inteligência [BUDDHI] quando está sob o domínio do desejo, da cólera, da cobiça, do espanto, do orgulho ou da inveja, você penetra na realidade desses estados.

102. Meditando-se sobre todo o universo como um fantasma ou uma pintura, quando se consegue perceber tudo assim, surgirá a felicidade.

103. Não se deve fixar o pensamento na dor nem na felicidade, ó BHAIKAVĪ. Tente conhecê-la no meio. Então, subsiste apenas a realidade.

104. Depois de haver rejeitado o apego ao seu próprio corpo percebendo que você está em todos os lugares, com um pensamento firme e com uma visão que não permite nenhuma outra coisa, atinge-se a felicidade.

105. A discriminação ou o desejo não aparece apenas em mim, mas aparece também em todos os lugares, nos potes e em outros objetos. Percebendo isso, ele se torna capaz de penetrar em tudo.

106. A percepção do sujeito e do objeto é a mesma em todos os seres que possuem um corpo. Mas o que caracteriza o YOGI é sua atenção ininterrupta à sua união.

107. Capte a consciência no corpo de um outro como no seu próprio. Desinteressando-se de todo o que se refere ao seu corpo, em poucos dias ele se torna capaz de penetrar em tudo.

108. Tendo libertado o espírito de todo suporte, deve-se parar de pensar de acordo com um pensamento dualista. Então, ó mulher de olhos de gazela, o estado de BHAIKAVA surgirá porque o eu se torna o Eu absoluto.

109. Quando se adquire estabilidade nisso: “Eu possuo os atributos de ŚIVA, eu sei tudo, eu tenho todos os poderes e estou em todos os lugares, eu sou o próprio Mestre supremo, e nenhum outro”, ele se torna ŚIVA.

110. Assim como as ondas surgem da água, as chamas do fogo, os raios do Sol, da mesma forma essas ondas do universo se diferenciaram a partir de mim, o BHAIKAVA.

111. Mova-se ao acaso ou dance espontaneamente, até se esgotar e cair ao chão. Com a interrupção da efervescência de ŚAKTI, surge a essência suprema.

112. Abandone o conhecimento e o poder e, nesse instante, quando termina a efervescência produzida pelo desaparecimento de ŚAKTI, se revelará a forma maravilhosa de BHAIKAVA.

113. Ó Deusa, escute esse ensinamento secreto que vou lhe contar. Basta que os olhos se fixem sem piscar para que se produza a libertação [KAIVALYA].

114. Fechando os ouvidos e também o ânus, medite sobre o som sem consoante nem vogal, e entre no BRAHMAN eterno.

115. Colocando-se na borda de um poço muito profundo, com os olhos fixos, quando a mente se mantém sem conceitos, o pensamento se dissolverá.

116. Seja para onde seu pensamento vá, para dentro ou para fora, ó Amada, lá se encontra o estado de ŚIVA. Como ele é onipresente, como seria possível escapar dele?

117. Cada vez que a consciência daquilo que está presente em tudo se revela por meio dos órgãos dos sentidos, como ela tem por natureza fundamental a de não ser senão aquilo, graças à absorção na consciência absoluta chega-se à essência da plenitude.

118. No início ou no fim de um espirro, no terror ou na ansiedade, ou na borda de um precipício, quando foge de um combate, ao sentir fome ou terror, no início ou no fim se revela a forma da essência de BRAHMAN.

119. Olhando-se para um certo lugar, deve-se deixar o pensamento ir para os objetos de que ele se lembra. Quando seu corpo é privado de todo suporte, o Soberano onipresente se apresentará.

120. Depois de ter colocado seu olhar sobre um objeto qualquer, retire-o muito lentamente. Então o conhecimento dele só é acompanhado pelo pensamento, ó Deusa, e a pessoa se torna o receptáculo do vazio.

121. O tipo de visão direta que, graças à intensidade da adoração, nasce naquele que atingiu a indiferença perfeita, é a própria força da Benfeitora. Evoque-a constantemente, e você se identificará a ŚIVA.

122. Quando se percebe um objeto determinado, o vazio se estabelece pouco a pouco com relação aos outros objetos. Tendo meditado sobre isso, embora o objeto continue sendo conhecido, a pessoa atinge a paz.

123. A pureza ensinada pelos que sabem pouco é uma impureza para os que têm o conhecimento de ŚAMBHU. Liberte-se do pensamento discriminante e não reconheça nada como puro ou impuro, e atingirá a felicidade.

124. A realidade de BHAIRAVA está em tudo, mesmo nas pessoas comuns. Tendo consciência de que nada existe que seja diferente dele, atinge-se o estado sem dualidades.

125. Mantendo-se o mesmo em relação a amigos e inimigos, igual na honra e na desonra, graças à plenitude perfeita do BRAHMAN, tendo compreendido isso, atinge-se a felicidade.

126. Não se deve nutrir ódio com relação a ninguém. Não se deve também nutrir nenhum apego. O BRAHMAN desliza no meio, que é a liberação do apego e do ódio.

127. Aquilo que não pode ser conhecido, aquilo que não pode ser captado, o vazio e aquilo que nunca será atingido – imagine tudo isso como BHAIRAVA e, no final, a iluminação se produzirá.

128. Tendo fixado o pensamento sobre o espaço externo que é eterno, sem suporte, vazio, que penetra tudo e que é desprovido de atividade, que ele se funda então no não-espaço.

129. Seja qual for o objeto para o qual o pensamento se dirija, deve-se nesse exato momento e com a ajuda dele abandonar completamente o objeto sem deixar outro se instalar. Então se ficará livre de flutuações.

130. Com BHĀ, a luz consciente, tudo ressoa [RAVA]. Ele se torna tudo [SARVADAḤ], ele penetra em tudo [VYĀKPAKA].

131. No momento de afirmações como “eu sou, isso é meu”, o pensamento atinge aquilo que não tem fundamento. Sob o agulhão de uma meditação como essa, atinge-se a paz.

132. Eterno, onipresente, sem suporte, penetrando tudo, soberano de tudo o que existe. Meditando em cada instante sobre essas palavras, atinge-se o significado adequado do objeto assinalado.

133. Todo esse universo está privado de realidade, como um espetáculo mágico. Qual é a realidade de um espetáculo como esse? Ficando-se firmemente convencido, atinge-se a paz.

134. Como haveria conhecimento ou atividade para um Eu liberto de todas as modalidades? Os objetos externos dependem da consciência e, portanto, esse mundo é vazio.

135. Para mim não existem mais amarras, para mim não existe mais libertação. Eles são apenas espantalhos utilizados por uma pessoa aterrorizada. Isso aparece como um reflexo no intelecto, como a imagem do Sol nas águas.

136. Todas as coisas como o prazer, a dor, etc., vêm por meio dos órgãos sensoriais. Desligando-se desses órgãos, toma-se assento em si mesmo, permanecendo no seu próprio Eu.

137. Todas as coisas se manifestam pelo conhecimento e o Eu se manifesta por todas as coisas. Por causa de sua essência única, o conhecimento e o conhecido se revelam como formando apenas um.

138. Faculdade mental, consciência interior, poder e também o eu; quando esses quatro desapareceram completamente, ó Bem-Amada, então fica a forma maravilhosa desse BHAIKAVA.

139. Ó Deusa, assim eu lhe expus brevemente essas 112 práticas. Aquele que os conhece ultrapassa a dualidade e atinge o conhecimento dos conhecimentos.

140. Aquele que se dedica a uma única dessas práticas aqui descritas torna-se o próprio BHAIKAVA. Suas palavras se realizam e ele transmite bênçãos e maldições.

141. Ó Deusa, ele não envelhece mais, ele não morre. Ele adquire os poderes como o de adquirir um tamanho pequeno. Cercado pelas YOGINĪ, ele preside todas as reuniões.

142. Ele está liberto nesta vida, embora realize atividades comuns.

A Deusa disse:

Ó Senhor todo poderoso, se essa é a forma maravilhosa da Suprema e se ela for tomada como fundamento, ...

143. ... ó Deus, quem recita e qual é a recitação? Quem medita, ó grande mestre? Quem adora e quem se satisfaz?

144. Quem faz a oferenda [no ritual] e a quem ele oferece? E ainda, qual é a oferenda e qual é o sacrifício? Feito por quem, como?

BHAIKAVA respondeu: Ó mulher dos olhos de gazela! Essa prática mencionada é exterior e apenas revela as modalidades grosseiras.

145. Na verdade, essa realização que se vivencia repetidamente no interior da realidade suprema é a verdadeira recitação. Da mesma forma, aquilo que é recitado como uma ressonância espontânea e que corresponde a um mantra.

146. Um intelecto imperturbável, sem aspectos nem fundamento, eis na verdade a meditação. Mas a representação por meio de imagens com corpo, órgãos, rosto, mãos, não oferece nada que corresponda à verdadeira meditação.

147. A verdadeira adoração não consiste em oferendas de flores e outros dons, mas em uma compreensão direta bem estabelecida no firmamento supremo, isenta do pensamento dualista. Na verdade, essa adoração é a absorção, proveniente do ardor místico [TAPAS].

148. Dedicando-se firmemente a apenas um dos que foram aqui descritos, será atingida a vivência da modalidade de abundância suprema, dia a dia. A plenitude que excede todos os limites, essa é a satisfação.

149. A verdadeira oferenda é lançar no fogo do sacrifício, o receptáculo do grande vazio, os elementos, os órgãos, os objetos, incluindo o pensamento, utilizando a consciência como a colher do ritual.

150. Ó Mestra suprema! A satisfação que tem por característica a felicidade, eis aí o sacrifício. Pela destruição [KṢAPANA] de todas as imperfeições e pela proteção [TRĀṆA] de todos os seres, obtém-se o campo [KṢETRA].

151. Esse é o santuário real, ó PĀRVATĪ, a interpenetração de RUDRA e ŚAKTI, a mais alta realização. Como poderia ser diferente a adoração dessa realidade e que outro poderia se satisfazer com ela?

152. Na verdade, no âmago do Eu estão a vontade livre, a felicidade e a consciência. Mergulhando integralmente o seu próprio eu nessa essência, faz-se aquilo que se chama de banho ritual.

153. O transcendente e o imanente que são honrados exatamente com essas oferendas, e que se satisfazem com elas, e também aquele que as oferece, formam apenas Um. Onde estaria a adoração?

154. Deixe que a expiração saia e que a inspiração entre, por si próprias. Aquele cujo aspecto é sinuoso se endireita. É a grande Deusa imanente e transcendente, o supremo santuário.

155. Quando uma pessoa se assenta firmemente no rito da grande felicidade e quando segue atentamente a subida dela, graças a essa Deusa, estando bem absorto nela, atinge-se o supremo BHAIRAVA.

156. Emitindo-se o fonema SA, ele sai; emitindo HAM, ele entra novamente. É assim que a pessoa repete incessantemente esse mantra HAMSA, HAMSA. Vinte e uma mil vezes, dia e noite, essa recitação é prescrita como a da suprema Deusa. Muito fácil de realizar, ela só parece difícil para os ignorantes.

157. Ó Deusa, eu acabo de lhe expor essa doutrina suprema da imortalidade, mas que não deve ser revelada a quem seja discípulo de outros, que seja malvado, ...

158. ... cruel, ou não tenha devoção para com seu mestre. Pode ser transmitida às inteligências intuitivas libertas da dúvida, aos heróis, aos grandiosos, ...

159. ... a todos os que veneram a linhagem dos mestres [GURU]. A todos estes, deve ser transmitida sem dúvida.

160. Ó Bela, com olhos de gazela, é preciso abandonar totalmente tudo aquilo que se possua, cidade, reino, país, filho, mulher, parentes. Para que servem essas coisas passageiras, ó Deusa! Apenas o tesouro supremo é permanente. Deve-se renunciar à própria vida, mas não à suprema imortalidade.

161. A Deusa disse:

Ó Deus dos deuses, grande Deus [DEVĀDEVA MAHĀDEVA], estou completamente satisfeita. Agora reconheço certamente a quintessência do TANTRA de RUDRĀRYAMALA

162. Eu percebo todas as ŚAKTI que existem no coração. Assim como se reconhece o espaço pelos raios que o iluminam, da mesma forma se reconhece ŚIVA pela energia de ŚAKTI que é a sua essência.

Assim tendo falado, a Deusa, cheia de felicidade [ĀNANDA], abraçou ŚIVA.

=====

Fontes:

A presente versão, feita por Roberto Martins, utilizou principalmente a tradução francesa de Lilian Silburn:

- SILBURN, Lilian. Le Vijñanabhairava Tantra. Pp. 506-569, in: ESNOUL, Anne Marie (ed.). *L'Hindouisme*. Paris: Fayard / Denoël, 1972.

A tradução de Lilian Silburn foi conferida com a tradução de Daniel Odier:

- ODIER, Daniel. *Tantra Yoga, le Vijñānabhairava tantra*. Paris: Albin Michel, 1998.

A tradução de Odier pode ser encontrada (no original francês, e também traduzida para o inglês por Jeanric Meller) na Internet:

http://www.danielodier.com/default_e.htm

Existe também uma versão em espanhol da tradução de Daniel Odier, no seguinte endereço da Internet: <http://www.terra.es/personal/javierou/kyvb.htm>

Foi também empregado o texto em sânscrito, transliterado por Marino Faliero, disponível na Internet:

<http://w3.uniroma1.it/studiorientali/indologia/gandharvanagaram/00skr08.htm>

Há uma versão em inglês do *Vijñanabhairava Tantra* no “site” de Lorin Roche, com uma interpretação completamente diferente da aqui apresentada, que pode ser conferida pelos interessados:

<http://lorinroche.com/>

Há um resumo desse TANTRA, em inglês, no “site” de Mike Magee, que pode ser consultado nestes dois endereços da Internet:

<http://www.shivashakti.com/tantric>

<http://www.clas.ufl.edu/users/gthursby/tantra>